

segunda feira que seram xix dias deste mes. dhi por diamte lhe acudira loguo o thesoureiro co o primeiro dinheiro que se fezer, e pera se lhe dar o dito dinheiro do ouro das barras tambem se nam pode fazer porque a moeda andou acupada os dias pasados no lauramento dos xij mil cruzados que vosalteza a gram pressa mandou que se laurasem das ditas barras pera os lugares dallem e compra de pam. E quamto a André Rodriguez emprestar dinheiro diz que ho nam tem e o que veem dalgũas vemdas hahy logo pera elle outros pagamentos e despesas muito necessarias e que se nam podem escusar em nenhũa maneira, sobresto mande ver vosalteza o que há por seu serviço. Scripta em Lixbooa a xbij dias dagosto de 520. E ao dito Joam Alvarez se deram já da ordenamça de hũa destas iij contos b^{el} mil reaes que se pidiram emprestados — *Esteuam Vaaz — Ruy Gomez — Joam da Ferreira.*

Sobrescrito: A ElRey nosso senhor».

(Torre do Tombo, Gaveta 20, maço 5, n.º 43).

80 — Gonçalves (Pero). — Ourives-moedeiro.

Vide Faleiro (João) seu filho.

81 — Gonçalves (Vasco). — Abridor de cunhos da moeda de Lisboa. Era tambem ourives da casa de D. Afonso V.

Vide nos *Ourives.*

82 — Jorge (Domingos). — Cunhador da moeda de Gôa por morte de Martins Gonçalves em 1660.

(*Conselho Ultramarino*, liv. iv, fl. 130 r).

(*Continua*).

SOUZA VITERBO.

Subsídios para o estudo do paleolítico português

I. — Uma série de pontas das estações do Casal do Monte e da A da Maia

No capítulo V, que neste estudo consagro às estações dos arredores da A da Maia¹, dizemos que elas, pela comparação dos seus instrumentos com os da do Casal do Monte, parecem ser contemporâneas desta.

¹ Página 30.

Também num modesto trabalho intitulado *Contribution à l'étude de la période paléolithique en Portugal*, enviado ao *Congrès Préhistorique de France*, realizado em 1911 em Nîmes, fizemos igual afirmativa.

As pontas, que são o objecto desta notícia, confirmam por sua vez o que escrevemos então.

Efectivamente a analogia entre algumas delas (figs. 1, 2 e 3) é tam grande que parecem ter sido talhadas pela mesma mão, apesar de aparecerem em estações diferentes.

O mesmo cuidado em tornar, quasi pelo mesmo lascado, o instrumento mais ponteagudo, e a mesma secção (côncavas dum lado e convexas do outro) se observa e mostra perfeitamente pertencerem ao mesmo tipo.

A secção côncavo-convexa não é accidental, como poderia parecer, mas intencional, pois uma das pontas da A da Maia (fig. 3) e outra do Casal do Monte (fig. 4) foram trabalhadas do lado oposto ao representado nas figuras para obter a concavidade.

Algumas destas pontas (figs. 1, 2, 3 e 4) são muito preênses, para o que concorre a secção côncavo-convexa, e até mesmo poderiam ter sido encabadas.

Comparando os instrumentos das figs. 1, 2, 3 e 4 com o da fig. 5 vê-se a identidade de formas continuar, mas neste último esboça-se um punho, que se desenha por fim nitidamente na ponta da fig. 6.

Estes instrumentos parecem marcar pois a transição das rudes pontas da época de Moustier para as esplêndidas *pointes à cran* da época de Solutré.

Passamos agora a descrever sumariamente estas peças.

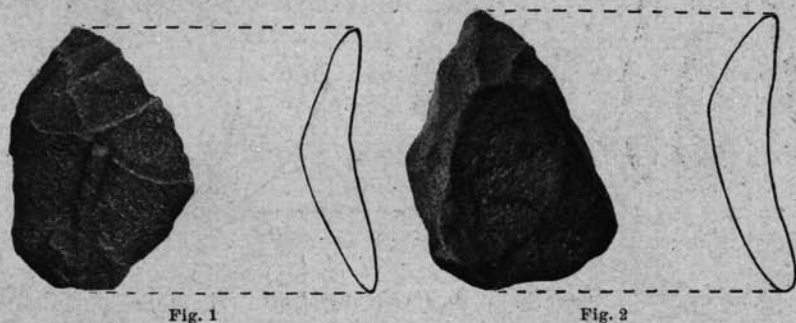


Fig. 1

Fig. 2

A da fig. 1, do Casal do Monte, é uma lasca de quartzite, em que a parte superior foi cuidadosamente talhada de maneira que se aperfeiçoou a ponta. É a mais tôscas desta série. A secção é, como se disse, côncavo-convexa.

A da fig. 2, também de quartzite, diferencia-se da antecedente por não partir o talhe da parte inferior duma linha mediana, pois foi substituída por uma faceta. O mesmo cuidado houve em aperfeiçoar a parte superior para a tornar mais ponteaguda. A secção é a comum. É da A da Maia.

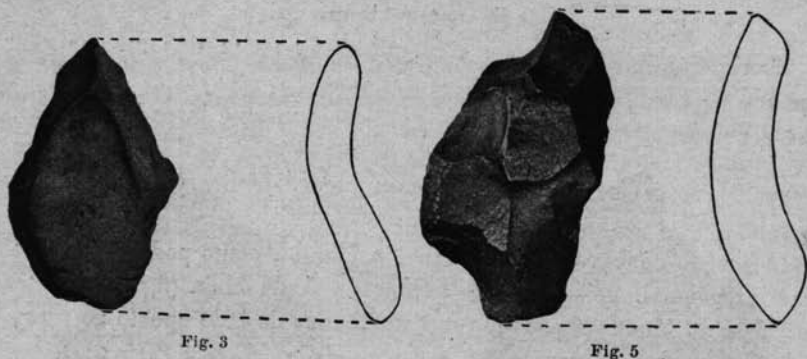


Fig. 3

Fig. 5

Este instrumento (fig. 3) é já bastante aperfeiçoado. De sílex, é trifacetado dos dois lados, e é este o único carácter por que se afasta das duas peças antecedentes. Foi colhido na A da Maia.

Na fig. 4 representa-se uma esplêndida ponta de sílex da A da Maia. O tipo e a secção são os comuns, e só tem em especial retoques nos bordos.

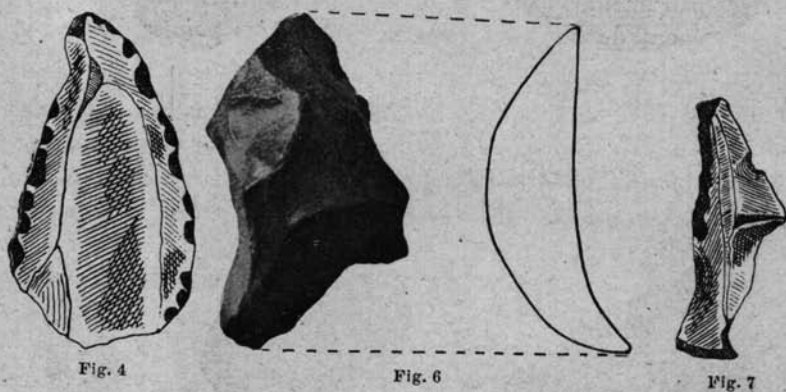


Fig. 4

Fig. 6

Fig. 7

A ponta de sílex (fig. 5) do Casal do Monte é bastante perfeita, e ainda que o instrumento seja do mesmo tipo dos antecedentes vê-se no entanto, na parte inferior, esboçar-se um punho, obtido por profundos e sucessivos retoques.

Na fig. 6 o punho aparece nitidamente. Tem o talhe perfeito e é de sílex. É do Casal do Monte.

O instrumento da fig. 7, do Casal do Monte, é de sílex acinzentado e pequeno. Na nossa colecção há mais instrumentos do Casal do Monte análogos a este.

II.— «Coups-de-poing» usados como furadores da estação paleolítica do Casal do Monte

Encontraram-se até agora no Casal do Monte cinco *coups-de-poing* em que se torna notável o aperfeiçoamento da ponta, o que faz crer que serviram de furadores.



Fig. 8



Fig. 10

O da fig. 1 é um grande *rognon* de sílex acastanhado, talhado cuidadosamente por sucessivos e profundos golpes numa das extremidades para obter uma ponta bastante afilada. É o mais grosseiro desta série. A face figurada é, como se vê, a superfície natural do *rognon*;



Fig. 9



Fig. 11

a outra foi adaptada a tornar o instrumento achatado. Mede $0^m,1$ de comprimento, $0^m,055$ de largura e $0^m,02$ de espessura.

Na fig. 9 representa-se um *coup-de-poing* feito duma lasca de sílex amarelo-claro. Como na peça antecedente, a base está por trabalhar. A ponta, cuidadosamente retocada, inclina-se um pouco para a esquerda, como a da fig. 8. Uma das faces (a da figura) apresenta só trabalho na parte superior para obter a ponta; a outra é plana e com um bolbo de percursão. Tem $0^m,065$ de comprimento, $0^m,05$ de largura e $0^m,015$ de espessura.

O mais perfeito instrumento dêste tipo é o da fig. 10. De sílex amarelo, é de talhe muito cuidado. Com a base por lascar, tem no entanto a ponta (nesta peça inclinada para a direita) muito bem talhada e com esplêndidos retoques. A face oposta à da figura foi trabalhada de maneira que o instrumento ficou pouco espesso. Mede $0^m,1$ de comprimento, $0^m,07$ de largura e $0^m,03$ de espessura.



Fig. 12

A peça da fig. 11 é de sílex amarelo-acastanhado e está bastante corroída pela água. É pequena, pois tem $0^m,05$ de comprimento, $0^m,045$ de largura e $0^m,02$ de espessura; e neste exemplar a ponta muito aguçada é direita e obtida por profundos golpes de ambos os lados. A base está por lascar.

O último instrumento dêste tipo que se passa a descrever (fig. 12) é de quartzite, e muito análogo ao da fig. 11. É uma lasca dum *rognon*, como se vê pela base arredondada, e com ambas as faces planas. A ponta é direita, retocada e obtida do mesmo modo que as das peças atrás descritas. Tem $0^m,06$ de comprimento, $0^m,05$ de largura e $0^m,02$ de espessura. Foi colhido logo numa das primeiras excursões realizadas ao Casal do Monte.

*

Estes instrumentos, como talvez todos os *coups-de-poing*, não deviam ser encabados, mas usados à mão.

Parece-nos que o seu melhor meio de prehensão era o seguinte: o corpo destas peças ficava na chave da mão; pelas duas chanfraduras laterais, junto à ponta, passavam os dedos indicador dum lado e médio do outro.

É assim que estes instrumentos são mais preênséis.

III.—Vários «cups-de-poing» do tipo de St.-Acheul do Casal do Monte

Entre os muitos *cups-de-poing*¹ colhidos nesta estação avultam pelo aperfeiçoamento do seu talhe os que servem de objecto a esta notícia.

A alguns dêles já se fizeram referências noutros estudos, mas achamos útil, para melhor conhecimento do paleolítico português, publicá-los.

É isso que se passa a fazer.

O instrumento da fig. 13 é de quartzite acinzentada. Trabalhado, com esmêro, tem na base uma parte por talhar (*talon*). Não é pontegudo (como o são a maior parte dos *cups-de-poing* do Casal do Monte e das estações dos arredores da A da Maia), nem tem a secção amigdalóide; os bordos são cortantes. Tem 0^m,09 de comprimento, 0^m,055 de largura e 0^m,035 de espessura.



Fig. 13



Fig. 16



Fig. 14

O *coup-de-poing* da fig. 14 é uma esplêndida peça de silex amarelado. Talhado com amplos golpes, tem os bordos cortantes e retocados, e a ponta bastante afilada. A base é por talhar (*talon*) e plana. Tem 0^m,1 de comprimento, 0^m,06 de largura e 0^m,04 de espessura.

Na fig. 15 representa-se um *coup-de-poing* de silex amarelado. De esplêndido talhe, tem infelizmente a ponta partida. É arredondado e a base está por trabalhar, como nas duas peças anteriormente descritas. Os bordos retocados e em miudo zig-zag, são no emtanto pouco cortantes. Teria talvez 0^m,1 de comprimento. A largura é 0^m,05 e a espessura 0^m,03.

¹ São 88 os *cups-de-poing* que temos até agora do Casal do Monte.

O instrumento da fig. 16 é um dos mais perfeitos que se tem encontrado no Casal do Monte. Pequeno, pois mede 0^m,04 de comprimento, 0^m,03 de largura e 0^m,01 de espessura, é de sílex e trabalhado em toda a superfície. No artigo «Indústrias paleolíticas do Casal do Monte»¹, dizemos a p. 41 «... é um *coup-de-poing* pequeno muito bem trabalhado e apresenta uma particularidade interessante. A. de Mortillet² diz que o lado dos instrumentos cheleanos é em zig-zag e o dos acheuleanos em linha recta ou torcido. Pois êste nosso exemplar apresenta ao mesmo tempo duas destas características». No Museu Etnológico Português há um instrumento idêntico, do Casal do Monte, encontrado pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcelos.



Fig. 15



Fig. 17

Na fig. 17 está representado um *coup-de-poing* a que já também fizemos referência no citado estudo³. É arredondado, não tendo sido talhado num dos bordos.

IV.—Nota sôbre dois «cups-de-poing» triangulares do Casal do Monte

No capítulo sôbre a «*évolution du coup-de-poing*»⁴ e no parágrafo referente às «*modifications et détermination de l'âge*»⁵ do livro *La Préhistoire*, A. de Mortillet diz, referindo-se aos *cups-de-poing* triangulares, que «... la forme plate, triangulaire, ne se rencontre que parmi les *cups-de-poing* les plus récents»⁶.

¹ In Revista *Materiais*, vol. I, n.º 2.

² G. et A. de Mortillet, *La Préhistoire*, p. 154, figs. 27 e 28.

³ P. 41.

⁴ P. 152.

⁵ P. 154.

⁶ P. 155.

No *Musée préhistorique*¹, est. x, fig. 70, vem figurado um instrumento dêste tipo e na legenda vê-se «...Les instruments triangulaires, presque inconnus dans les alluvions, sont très rares partout».

Na estampa estão representados «coups-de-poing de la surface du sol» e com a classificação de *Achéuléens*.

Estas indicações, que dão particular importância aos instrumentos dêste tipo, levaram-nos à descrição sumária de duas peças triangulares colhidas na estação paleolítica do Casal do Monte.

A um dos instrumentos já se fez leve referência no opúsculo *Estação paleolítica do Casal do Monte*, a p. 7; êles marcam um novo tipo no paleolítico português.

No capítulo sôbre as estações dos arredores da A da Maia² descrevem-se alguns *coups-de-poing* triangulares, mas nenhum dêles tem os caracteres típicos, «la forme platte, triangulaire...»³, enquanto os que servem de objecto a êste capítulo são formas perfeitas.



Fig. 18



Fig. 19

O da fig. 18, colhido logo numa das primeiras excursões ao Casal do Monte, e a que já nos referimos noutra lugar⁴, é triangular e de sílex amarelo-claro. O seu talhe é bastante perfeito (a pequenos golpes), e está retocado nos bordos, que são cortantes e em miudo zig-zag. Em ambas as faces se deixou na parte média uma porção por talhar, e a base é também a superfície natural do *rognon*, o que facilita muito a sua preensão. É interessante notar que um dos lados, o mais cortante, é um pouco convexo o que dá ao instrumento a aparência um pouco inclinada.

¹ 2.^a edição.

² Vid. supra, p. 30 sgs.

³ *La Préhistoire*, p. 155.

⁴ J. Fontes, *Estação paleolítica do Casal do Monte*.

Mede 0^m,06 de comprimento, 0^m,05 na sua maior largura, e 0^m,02 de espessura.

Na fig. 19 representa-se o outro *coup-de-poing*. Triangular, é de sílex negro. Também de talhe esmerado, tendo os bordos cortantes, retocados em miudo zig-zag, como se observou na peça anteriormente descrita. Um dos lados, também o mais cortante, é um pouco convexo. A parte média de ambas as faces e a base estão por talhar. Mede 0^m,06 de comprimento, 0^m,05 de largura e 0^m,015 de espessura.

*

São estes instrumentos muito curiosos.

O talhe idêntico, o retoque análogo, a mesma inclinação duma linha baixada do vértice sobre a base, inclinação devida à convexidade dum dos bordos, o que olha o lado esquerdo, que é o mais cortante, a falta de talhe de ambas as faces na sua parte média e na base, e quasi as mesmas dimensões, são caracteres de ambos os *coups-de-poing*.

V. — Estações paleolíticas dos arredores da A da Maia

O descobrimento da estação paleolítica do Casal do Monte¹ com a sua enorme abundância de instrumentos, tendo sido alguns dêles apresentados à Sociedade de Ciências Naturais pelo nosso querido mestre e amigo Sr. Dr. António Aurélio da Costa Ferreira, fez-nos prever a existência doutras nos arredores de Lisboa nas mesmas circunstâncias. Tratámos pois, de percorrer sistematicamente estas regiões.

Efectivamente vários vestígios do periodo paleolítico (e neolítico) temos encontrado. Vamos falar dalguns, e a seu tempo falaremos doutros.

Num desses passeios, em 22 de Setembro de 1910, descobrimos as estações², que são objecto desta despreziosa e rápida noticia.

Não se tem a pretensão com êste curto estudo senão marcar os lugares onde até agora temos encontrado instrumentos característicos, para que outros de maior competência possam estudá-los como o devem ser. Tanto mais que a falta de tempo não tem permitido proceder ao estudo minucioso destas estações.

¹ Vide: *Estação paleolítica do Casal do Monte, e Indústrias paleolíticas do Casal do Monte* (separata do n.º 2, vol. I, ano I, da revista *Materiais*).

² Fui acompanhado nesta excursão por meu tio Sr. José Fontes.

Ainda que não tam ricas como a do Casal do Monte, deram porém algumas dezenas de instrumentos.

São quatro as estações a que nos referimos: a do Casal das Osgas; a dos Salrêgos (junto à quinta do mesmo nome); a da Quinta de Alfragide de Baixo, ao pé dum tanque onde o gado vai beber; e, finalmente, a última à beira da estrada que vai de Ajuda a Queluz por debaixo do Casal das Osgas.

Visitámos nessa ocasião a da A da Maia, que fôra descoberta dois ou três dias antes pelo Sr. Vergílio Correia, e que, sem ainda o sabermos, percorremos também; das outras damos nós pela primeira vez notícia.

Em mais outros sítios, nesta mesma área, aparecem avulsamente vários silices e quartzites lascados, como no cabeça da Mama-Sul, um pouco ao sul de Salrêgos, e nos moinhos da Barrunchada.

Numa superfície de 4 quilómetros quadrados se encontram estas estações.

É uma verdadeira região preistórica.

Não são vestígios duma grande estação, mas caracterizadas estações com instrumentos típicos. São efectivamente pouco afastadas umas das outras, mas isso, como à primeira vista pareceria, não implica que formem uma única.

Se assim fôsse, não se compreenderia o encontrarem-se, por exemplo, instrumentos em abundância na A da Maia, e nenhuns no espaço que medeia entre esta e a do Casal das Osgas. Mas, a par desta falta de probabilidade, há um facto que prova de maneira evidente esta afirmativa. Comparando os materiais de que são feitos os instrumentos nas diversas estações, vê-se que há diferenças importantes para êste caso. Assim na da A da Maia a matéria prima é a quartzite de côr amarela muito clara e acinzentada, e o sílex de côr amarela clara e às vezes um pouco avermelhada. Na do Casal das Osgas os instrumentos são feitos de sílex branco, e só temos três instrumentos, dois de quartzite amarela escura, e outro de quartzite acinzentada. Na de Salrêgos a quartzite é avermelhada e o sílex branco avermelhado, isto é, um leve tom côr de tejo. Na da Quinta de Alfragide de Baixo (ao pé do tanque mencionado) a quartzite é de côr amarelo-alaranjada e o sílex também é da mesma côr. Na que fica ao pé da estrada de Ajuda a Queluz os instrumentos são quasi todos de sílex branco, levemente acinzentado, e o único instrumento de quartzite desta estação, um lindo *coup-de-poing*, é amarelo-avermelhado e de grão grosso. Quer dizer: à parte algumas diferenças de materiais, há diferença de pátina.

Parece pois que a afirmativa formulada acima é perfeitamente justa.

Note-se também que, sendo estas estações umas em cumes de outeiros, outras nas faldas, se acham separadas entre si por accidentes geográficos.

É importantíssima esta região, e para ela ousamos chamar a atenção dos estudiosos.

Nelas, bem como na do Casal do Monte¹, os objectos encontram-se à superfície do terreno misturados uns com os outros, de maneira que nenhuma delas pode servir de tipo para uma futura classificação, a não ser que escavações venham provar o contrário.

Para descrever os objectos ali encontrados, como já fizemos com relação ao Casal do Monte², seguiremos a classificação de G. de Mortillet³, não porque estejamos convencidos que ela se aplique integralmente a Portugal, mas para fixar ideas.

Cada país terá, sem dúvida, um carácter especial na sua arqueologia, mas parece-nos impossível adoptar por enquanto uma classificação para o nosso paleolítico, pois não há até agora uma estação típica.

A do Casal do Monte é importantíssima pela abundância de instrumentos⁴, e será sem dúvida uma das mais notáveis do nosso país; as restantes também tem grande importância pelo seu conjunto, pois pertencem, como se disse, a uma região única; mas tanto uma como as outras nada dizem sobre a evolução da indústria da pedra lascada em Portugal.

1. Estação de A da Maia

Não nos compete descrever esta estação, mas ao Sr. Vergilio Correia, pois foi este Senhor quem a descobriu; e, senão pertencesse à região de que falamos, não trataríamos dela.

Das cinco percorridas é esta a mais rica. Há daqui instrumentos dos tipos de Chelles, de St.-Acheul, de Moustier, e de Madeleine. São cinco os *coups-de-poing* do tipo de Chelles, quatro de quartzite e um de silex. Estes, de talhe muito rudimentar, apresentam (fig. 20) uma das faces não trabalhada bem como a base (*talon*). Também no Casal do Monte se encontram alguns instrumentos deste tipo, ainda inéditos. O outro é um instrumento (fig. 21) de bordo cortante como o da fig. 12, p. 23, da Guia do *British Museum*.—*The stone age*.

¹ Joaquim Fontes, *Indústrias paleolíticas do Casal do Monte*, in *Materiais*, vol. I, p. 39.

² Id., *ibid.*

³ G. et A. Mortillet, *La Préhistoire*, p. 240.

⁴ Só na nossa colecção temos mais de 500.

Dos do tipo de St.-Acheul faremos sobresair o da fig. 22. Apanhado numa posterior excursão pelo nosso amigo Sr. José Santa Rita, é de quartzite, com diminuta parte por talhar, e vê-se que nele se atendeu só à ponta. É análogo ao da fig. 5, p. 17, da Guia do *British Museum*, já citada. Aqui se encontrou outro dêste tipo, mas mais tôscamente talhado.

Temos desta estação mais dois *coups-de-poing* triangulares, com a base plana e por talhar, podendo equilibrarem-se sobre ela, e com a ponta cuidadosamente trabalhada (fig. 23).

Também existem várias lascas, análogas a umas do Casal do Monte¹, que parecem pertencer a esta época.

Da época de que é protótipo a estação de Moustier deu esta estação várias pontas e raspadores.

Um são talhadas dum lado em três faces, e retocadas (fig. 24); outras talhadas dum lado em duas faces, e o lado liso plano (fig. 25); outras talhadas dum lado em duas faces, e o lado liso convexo (fig. 26); e também há lascas em forma de ponta (fig. 27).

Os raspadores são de bordo circular (fig. 28); de bordo côncavo (fig. 29), e lascas trifacetadas dum lado e do outro lisas (fig. 30)².

Encontrou-se também uma lâmina cortante e retocada (faca) análoga à da fig. 99, est. XIII, do *Musée préhistorique*, 2.^a edição, de G. et A. Mortillet.

Correspondente à época da estação francesa de Madeleine possuímos dois *becs de perroquet*: um publicado no *Compte-Rendu du Congrès Préhistorique de France, session de Nîmes (1911)*; o outro³ é o da fig. 31. Desta época achou-se aqui uma lâmina de *tranchant abattu* (fig. 32).

2. Estação do Casal das Osgas

Fica por cima da A da Maia, para o sul, no cume dum outeiro. Existe água por ali perto em abundância. É um monte dominante (só excedido pelo de Alfragide, que é ponto trigonométrico), em cuja encosta fica um casal com aquele nome.

Esta estação, sem ser muito abundante de indústria paleolítica, é a mais importante das que descobrimos nos arredores da A da Maia,

¹ *Indústrias paleolíticas do Casal do Monte*, in revista *Materiais*, vol. I, ano I, p. 41.

² Tanto os raspadores como as pontas descritos pertencem a tipos já conhecidos na estação do Casal do Monte. Vid. o já citado artigo *Indústrias paleolíticas do Casal do Monte*, in *Materiais*, p. 41.

³ É semelhante ao da fig. 46, p. 185, de *La Préhistoire*, de G. et A. Mortillet.

pela perfeição do talhe dos instrumentos. Nas outras deparam-se-nos juntamente rebotalhos de sílex e quartzite; nesta encontram-se muito poucas lascas.

Todos os objectos desta estação são típicos.

Acharam-se ali instrumentos dos tipos de Chelles, de St.-Acheul, do Moustier, do Solutré, do Madeleine e neolíticos. Da época de Chelles existem três *coups-de-poing* de quartzite. Dois, análogos ao que está figurado a p. 62, fig. 70, da Guia do *British Museum, The stone age*, são arredondados, com a parte inferior por talhar, sem bordos cortantes e só com ponta, que devia ser bastante afilada, pois ambas as peças tem-na partida (fig. 33). O terceiro *coup-de-poing*, análogo a um inédito do Casal do Monte, é triangular, com a base e um dos lados sem talhe (fig. 34).

Todos estes instrumentos, apesar da sua rudeza, são mais perfeitos do que os da A da Maia.

São cinco os *coups-de-poing*, do tipo St.-Acheul, desta estação até agora conhecidos:

O mais perfeito é o da fig. 35. É de quartzite, de talhe muito cuidado, e quasi que simétrico em relação ao seu eixo. Uma das faces é esplêndidamente trabalhada e a outra um pouco mais tósca. A base, como se vê na figura, foi respeitada (*talon*).

Outro é bastante curioso, e dêsse tipo existem semelhantes do Casal do Monte ¹ e da quinta da Boticária, em S. Bartolomeu da Charneca: arredondado, com um dos lados por talhar, e um pouco achatado, e o outro com a linha de corte característica, em zig-zag. De sílex (fig. 36) ².

Os restantes *coups-de-poing* são muito bem trabalhados, de forma um pouco triangular, com retoques nos bordos, e estabelecem transição dos do tipo de St.-Acheul para as pontas do tipo de Moustier.

Estas são talhadas dum lado em três faces e retocadas (fig. 37); talhadas dum lado em três faces e o lado liso convexo (fig. 38); talhadas dum lado em duas faces e o lado liso plano (fig. 39), e lascas em forma de ponta (fig. 40).

Os raspadores são de bordo circular (fig. 41); de bordo côncavo (fig. 42), e lasca trifacetada dum lado e do outro lisa (fig. 43) ³.

¹ *Indústrias paleolíticas do Casal do Monte*, in *Materiais*, ano 1, p. 41.

² O instrumento desta estação foi publicado no Congresso Prehistórico de França, sessão de Angoulême. O que aqui se figura é da Boticária, o que fazemos para esclarecimento do texto.

³ Cfr., como já fizemos para a estação da A da Maia, com as pontas e raspadores do Casal do Monte. *Indústrias paleolíticas*, p. 41.

Como pertencentes ainda a esta época citaremos dois discos, ou *armas de arremêso*¹, cuidadosamente trabalhados.

Da época da estação de Solutré podemos mencionar alguns raspadores característicos. São estes, lascas trifacetadas, finas, com a parte superior recta e delicadamente retocada.

Um pequeno *bec de perroquet* (fig. 45) é o único vestígio da época *magdalénienne*.

Pertencem também a esta estação dois percurtores neolíticos, um pedaço de mó, e vários cacos do mesmo período.

3. Estação ao pé da estrada

Numa linha entre o Casal das Osgas e o monte de Mama-Sul (ponto trigonométrico e de enfiamento dos navios à barra do Tejo) fica, ao lado da estrada da Ajuda a Queluz, outra estação num pouco elevado cabeça.

O sílex e a quartzite encontram-se aí em abundância, e o sítio é fértil em água.

Aparecem aqui instrumentos dos tipos de Chelles, St.-Acheul, Moustier e neolíticos.

São dois os *coups-de-poing* do tipo de Chelles.

Arredondados, sem ponta, de sílex, com *talon*, com o bordo em zig-zag, são de rudeza de talhe bastante grande (fig. 46). Na *Guia do British Museum, The stone age*, a p. 23, fig. 12, vem um *coup-de-poing* deste tipo, e já da estação da A da Maia se descreveu nesta notícia um análogo.

Contrastando com estes estão os do tipo de St.-Acheul, que são de talhe bastante esmerado.

O da fig. 47 é de quartzite amarela avermelhada, lascado em toda a sua superfície. Com a ponta bastante perfeita, de bordos cortantes e em zig-zag, é bastante espesso no meio. É este um dos instrumentos mais belos que se conhecem no paleolítico português.

Outro *coup-de-poing*, tipo de St.-Acheul, daqui, é de sílex, deselegante, grosso, arredondado, com os bordos retocados e a base por talhar. É, por assim dizer, um aperfeiçoamento dos *coups-de-poing* do tipo de Chelles desta estação.

Encontraram-se mais dois instrumentos desta época: um é de quartzite, pequeno, elegante, bifacetado dum lado e com retoques; o outro é ponteagudo, bastante talhado, mas com os golpes como que indecisos

¹ G. et A. Mortillet, *La Préhistoire*, p. 161, fig. 30.

(fig. 48). A p. 591 (fig. 113) de *La Préhistoire*, vem figurado um *coup-de-poing* do mesmo tipo dêste.

Como transição para a época de Moustier há uma série de pontas lascadas dum lado, com retoques, e do outro lisas.

Das pontas dos tipos de Moustier, umas são talhadas dum lado em duas faces e do lado liso côncavas (fig. 49), outras talhadas dum lado em duas faces e do lado liso convexas (fig. 50).

Poucos raspadores típicos foram encontrados aqui, predominando entre êsses exemplares os de bordo circular (fig. 51).

Talvez já da época de Solutré¹, mas de grande rudeza de talhe, veio desta estação um fuçador de sílex e um percutor de quartzo, que pode também ser neolítico.

Do mesmo período se encontrou uma faca, pedaços doutras e um percutor.

4. Estação da quinta de Alfragide de Baixo

Junto a um tanque onde o gado bebe água, que lhe vem das muitas nascentes que por ali há, apareceram também vários sílices e quartzites lascados das épocas de Chelles, St.-Acheul e Moustier.

São três os *coups-de-poing*, do tipo de Chelles, desta estação. Tôscamente talhados, muito mais grosseiros do que os da estação ao pé da estrada, são dois de quartzite e um de sílex.

Um é triangular com uma parte por lascas de cada face (fig. 52), mas em lados opostos, bem como a base.

O segundo é do mesmo tipo dos da estação ao pé da estrada, não termina em ponta, mas numa linha em zig-zag. Foi só a parte superior que recebeu talhe. É de sílex.

O último é um pouco côncavo numa das faces, em virtude do tôscado lascado. Tem *talon*, sem bordos, e termina em ponta levemente aguçada.

São dois os únicos *coups-de-poing* do tipo de St.-Acheul desta estação.

Ambos perfeitos no talhe, tem a base por lascas. Só se atendeu nos dois à ponta, que é mais aguda e fina num dêles (fig. 53), tendo servido naturalmente como furador; o outro é triangular.

¹ Numa excursão realizada a estas estações, já depois de redigida esta notícia, encontramos nesta uma ponta que lembra as (fig. 44) do tipo de Solutré. No *Manuel d'Archéologie préhistorique, celtique et galo-romaine*, de Déchelette, vol 1, p. 139, fig. 49, 5.^a, vem uma ponta parecida com esta.

Notaremos o pedúnculo que se observa em ambas as pontas. É uma lasca sómente retocada nos bordos. No *Musée Préhistorique*, de G. et A. Mortillet, est. xviii, figs. 131 e 132, vem uma lasca talhada em forma de ponta.

Pontas, com uma face lisa e a outra lascada, indicam, como na última estação descrita, a transição para a época do Moustier.

Desta só possuímos uma ponta de sílex, bifacetada dum lado, retocada, e com uns entalhes na base (fig. 54). No *Musée Préhistorique*, est. xv, figs. 109 e 110, vem um instrumento análogo.

5. Estação dos Salrêgos

Fica esta estação ao pé da quinta do mesmo nome, no sopé do monte de Mama-Sul.

É a que tem menos importância das cinco percorridas e das quatro já descritas.

Apareceram aqui instrumentos do tipo de Chelles e de Moustier, e neolíticos.

O único *coup-de-poing* do tipo de Chelles é triangular tendo sido respeitada a base (*talon*), sendo um dos bordos cortantes e o outro plano. O bordo cortante é retocado (fig. 55).

Vários raspadores de bordo arredondado designam a época de Moustier desta estação (fig. 56).

Do período neolítico apareceu um triturador, análogo a alguns da estação neolítica de Liceia, assim como uma pontinha de seta.

*

Não tem grande importância arqueológica os poucos sílices e quartzites encontrados noutros locais, e até talvez sejam rebotalhos para lá levados ou indícios doutras estações. Novas explorações resolverão o problema.

Conclusões. — Da rápida notícia que acabamos de fazer deduz-se quanto aquela região é rica em estações paleolíticas. Raro será o cabeço nesta área em que, ou não haja uma estação, ou não se descubram vestígios de talhe intencional em quartzites e sílices.

Comparando os instrumentos destas estações com os do Casal do Monte observam-se *os mesmos tipos, a mesma rudeza de talhe, o «talon», a mesma pequenez e maior número de instrumentos ponteagudos do que de bordo cortante.*

Seriam pois naturalmente estações contemporâneas umas das outras.

A exploração que motivou o descobrimento destas estações começou da Ajuda para o norte. Quando chegámos à quinta de Salrêgos íamos bastante fatigados. Tencionávamos descansar aqui e depois

ir contornando a margem do Tejo. Pedindo água a uma mulherzinha que morava na dita quinta disse-nos ela: «talvez os senhores queiram ir beber à *fonte dos Mouros*». Ao ouvirmos esta mágica palavra «Mouros», que tam ligada anda sempre com antigualhas, mudámos imediatamente de opinião com respeito ao itinerário que devíamos seguir, e pensámos logo em percorrer os arredores. Saímos da quinta, e subimos a encosta dum monte, em direcção à serra do Monsanto: começaram logo a aparecer alguns instrumentos.

Daqui se vê mais uma vez quanta importância tem o onomástico nas pesquisas arqueológicas. E mal imaginava a mulherzinha que, ao dar-nos um conselho para matarmos a sede em modesta fonte rústica, nos punha à beira dum manancial arqueológico ¹!

VI.—Três «coups-de-poing» de tamanho excepcional da estação paleolítica do Casal do Monte

«Temos tirado várias conclusões do exame dos instrumentos do Casal do Monte. Aqui daremos apenas uma. Impressionou-nos bastante a pequenez de todas as peças desta estação, pois tem pelo menos metade do tamanho dos objectos similares estrangeiros. Não se poderá ver neste facto um carácter especial de raça, isto é, seriam os habitantes do Casal do Monte homens de pequena estatura?»

Era isto o que escrevíamos no estudo *Indústrias paleolíticas do Casal do Monte*².

Bastantes excursões temos feito, depois que publicámos aquella noticia, a esta estação e a pequenez dos instrumentos continua a manifestar-se.

As frequentes visitas e as abundantes colheitas, algumas delas para o Museu Etnológico Português, tem-nos habituado a reconhecer aqui entre as outras pedras as que foram trabalhadas ou por causa da côr ou qualidade, ou do tamanho, etc.

¹ Já depois da excursão a que se alludiu na nota referente à estação da estrada de Ajuda-Queluz, descobrimos nova estação paleolítica, também junto à estrada da Ajuda a Queluz e distante da acima descrita (também junto à estrada) um quilómetro e meio aproximadamente.

Est'outra chama-se *estação do Casal da Serra*, visto ficar próxima dum casal com êste nome.

Fica entre o moinho da Atalaia e o dito casal.

Não é pouco abundante em instrumentos, pois já possuímos dali 50 peças (e todas bastante perfeitas), apesar de a termos percorrido só num dia.

² In revista *Materiais*, p. 39, vol. I.

Encontrámos porém três *coups-de-poing* que pelo tamanho se afastam completamente dos muitos achados nesta estação¹.

O da fig. 57, colhido logo numa das primeiras excursões ao Casal do Monte, é um grande instrumento de grés, talhado com amplos golpes. Os bordos são de zig-zag e o talhe parte duma linha mediana. A face representada na figura é bastante elevada em relação a um plano que passe pelos bordos e ponta; a outra é menos saliente. A base é arredondada, e a ponta está um pouco partida. Tem 0^m,155 de comprimento; 0^m,06 de espessura e 0^m,09 de largura. Está muito corroído pela água. É de talhe muito grosseiro, sem retoques, e portanto do tipo de Chelles.



Fig. 57



Fig. 58

A bela peça da fig. 58 é de quartzite acastanhada com laivos vermelhos muito vivos. Foi feita dum grande *rognon* do qual resta parte (*talon*) na base e na face figurada. É muito preênsil e tem 0^m,14 de comprimento; 0^m,085 de largura e 0^m,065 de espessura. Belamente talhada, tem cortantes um dos bordos que é muito retocado e em miúdo zig-zag. A face não visível na figura é talhada a amplos golpes. Foi colhida em Março de 1912 por meu pai, o Sr. António F. Fontes.

¹ São já 110 os que actualmente temos do Casal do Monte.

Numa excursão realizada no mês de Fevereiro de 1911 foi encontrado um enorme *coup-de-poing* de sílex amarelo-claro. É o maior dos três aqui estudados, e pertence já à série dos «grands échantillons» (fig. 59) ¹.

Pode-se calcular o seu comprimento aproximadamente em 0^m,178 (visto ter uma pequena fractura na ponta). Tem 0^m,101 de largura, 0^m,055 de espessura e pesa 930 gramas. Êste instrumento está bastante gasto pela água e coberto de riscos de ferrugem devidos sem dúvida à charrua. Excepto a leve fractura que mostra na ponta, está perfeito, e é para admirar o achar-se tão belo instrumento quasi completo apesar das injúrias dos séculos. Foi encontrado num rêgo de água que desce do Casal do Monte e se vai perder num riacho ao pé da Ponte de Frielas. Êste instrumento é pontegudo e muito preênsil. A face representada na gravura é bastante saliente em relação a um plano de simetria que passasse pelo eixo e bordos do instrumento; a sua maior espessura é atingida a $\frac{2}{3}$ da base e daí para a ponta; nesta face o talhe dá-se dum lado e doutro duma linha que divide simetricamente o instrumento. Um dos bordos é cortante



Fig. 59

e bastante retocado, o outro é de trabalho muito tóscico. A outra face é menos acidentada, mas apesar de estar bastante corroida pela água, vê-se ter sido talhada menos cuidadosamente. A base está em parte por talhar (*talon*) e é um pouco arredondada.

*

O tamanho digno de registo destas três peças contrasta com o de todas do Casal do Monte e não combate a resposta, talvez um pouco

¹ *La Préhistoire*, P. & A. de Mortillet, p. 133.

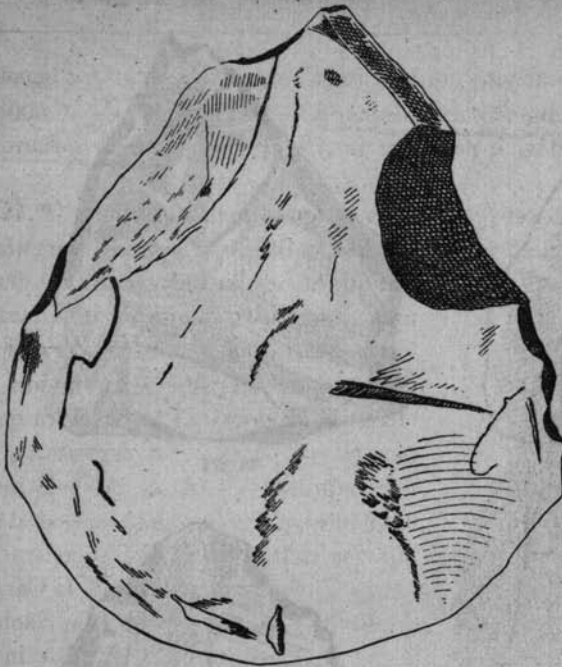


Fig. 20



Fig. 35



Fig. 31



Fig. 21



Fig. 32



Fig. 22



Fig. 54

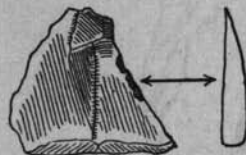


Fig. 39

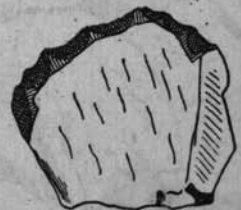


Fig. 56



Fig. 23

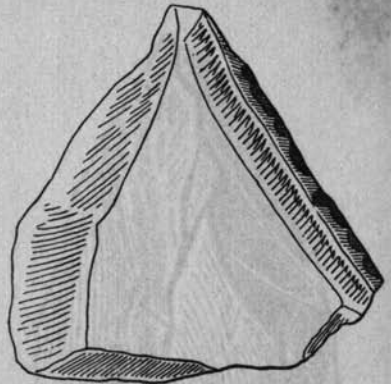


Fig. 24



Fig. 25



Fig. 45

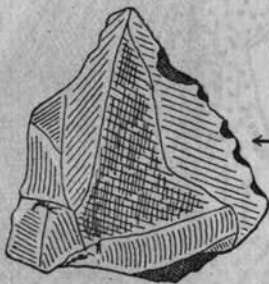


Fig. 26



Fig. 49



Fig. 29



Fig. 28



Fig. 34

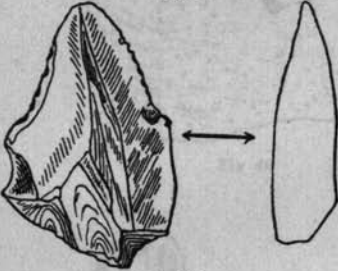


Fig. 38

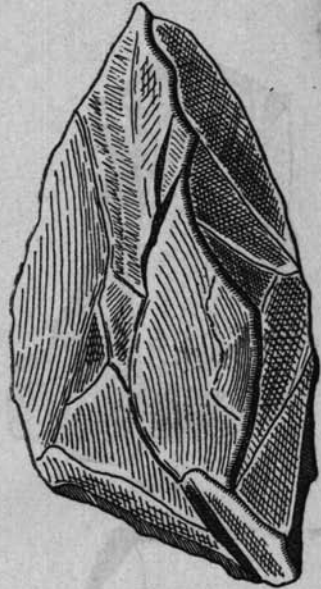


Fig. 36

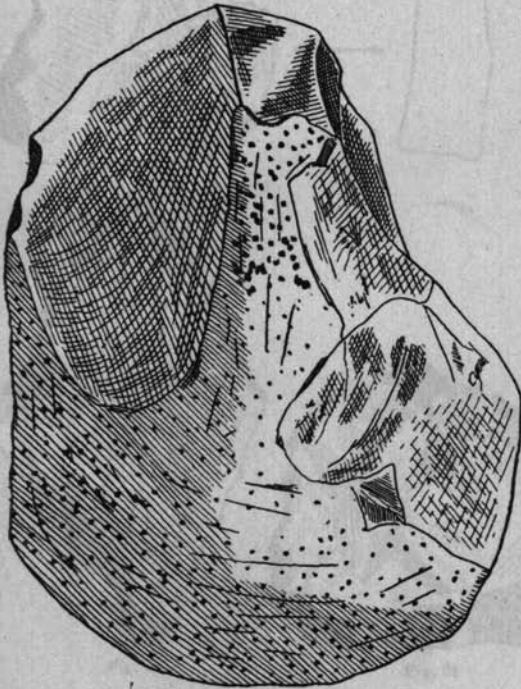


Fig. 33



Fig. 30



Fig. 41

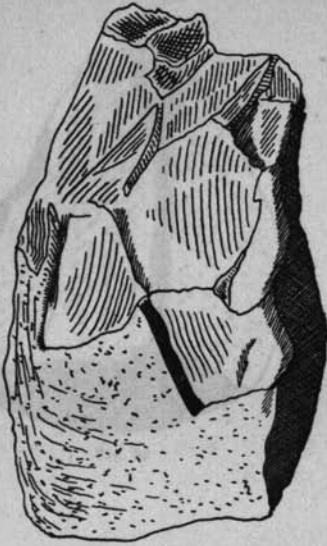


Fig. 46



Fig. 42

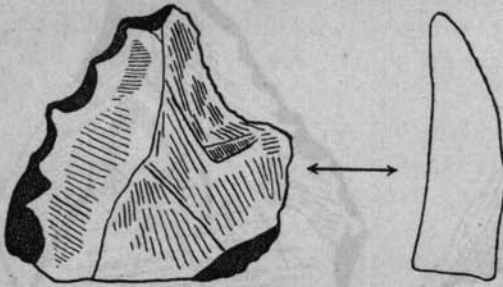


Fig. 37

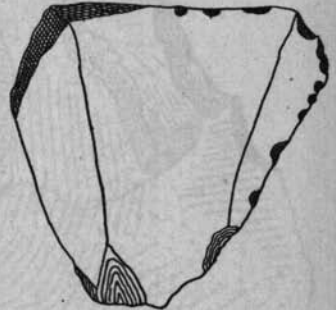


Fig. 43

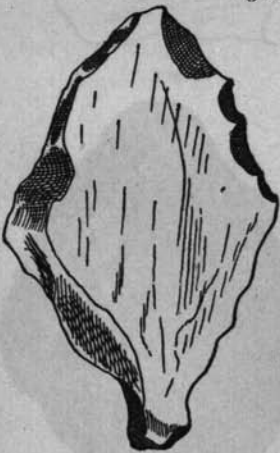


Fig. 44

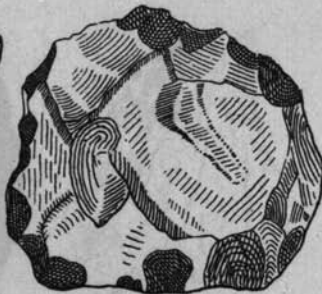


Fig. 51

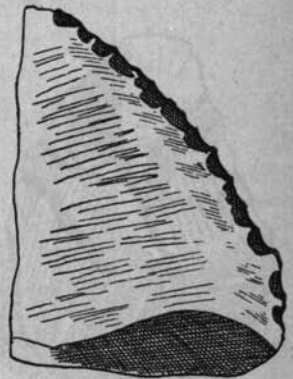


Fig. 40

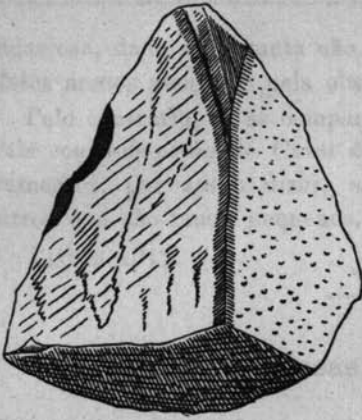


Fig. 52

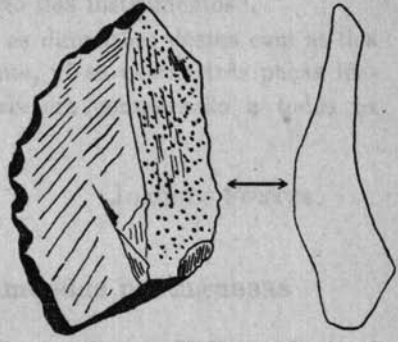


Fig. 50

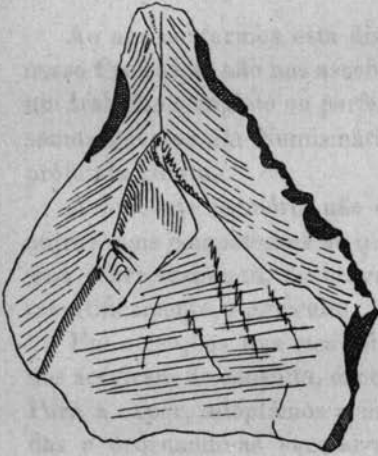


Fig. 53

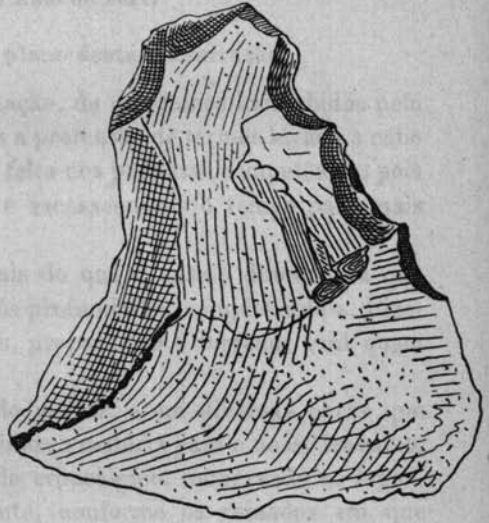


Fig. 55



Fig. 47



Fig. 27



Fig. 48



audaciosa, dada à pergunta não menos audaciosa acêrca da pequenez dêstes nossos avoengos pela observação dos instrumentos¹.

Pelo contrário, se se compararem as dimensões dêstes com as dos mais *coups-de-poing* do Casal do Monte, vê-se nestas três peças instrumentos, por assim dizer, anormais em comparação a todos os outros que são muito pequenos.

Lisboa 1912.

JOAQUIM FONTES.

Legendas religiosas das moedas portuguesas

(Dissertação apresentada na cadeira de Numismática da Biblioteca Nacional de Lisboa em Maio de 1911)

Duas palavras sôbre o plano desta dissertação

Ao apresentarmos esta dissertação, de que fomos incumbidos pelo nosso Professor, não nos assoberba a pretensão de termos levado a cabo um trabalho completo ou perfeito; falta-nos para isso competência, pois somos novatos em Numismática, e escasseou-nos o tempo para mais profunda labuta.

A presente memória não é mais do que o ensaio duma obra que outros mais competentes do que nós profundarão, completando-a. Fizemos o arroteamento, desbravámos, preparámos o terreno; virá quem scientificamente o agriculte.

Em colecções que nos foi dado visitar, e em diversas obras que nos serviram de consulta, encontrámos a matéria para o nosso trabalho. Para a expor, adoptámos o método cronológico, numerando as legendas e ordenando-as sucessivamente; conforme os reinados em que primeiro surgiram. Indicamos depois as fontes donde emanam, e a sua tradução. Em seguida apresentamos algumas breves considerações que o seu contexto nos sugeriu e, finalmente, fazemos uma rápida citação das moedas em que essas legendas se encontram, indicando para cada moeda uma obra, pelo menos, onde ela venha mencionada, servindo-nos na maioria dos casos de Aragão², não que lhe demos preferência a qualquer outro trabalho da especialidade, mas por ser aquele que mais fácilmente se encontrará à mão dos curiosos.

¹ *Indústrias paleolíticas do Casal do Monte*, na revista *Materiais*, vol. I, p. 42.

² *Descrição geral e historica das moedas cunhadas em nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal*, por A. Teixeira de Aragão, Lisboa, Imprensa Nacional, 1874.